

*Meus dias*



Amanda Lopes

*Meus dias*





A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Meus dias  
Copyright © 2015, Amanda Lopes  
Todos os direitos são reservados no Brasil

**PoD Editora**

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110 – Rio de Janeiro  
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br  
Faça seu pedido pelo site: [www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)

Diagramação e Capa:  
*Pod Editora*

Impressão e Acabamento:  
*Control C – Impressos sob Demanda*

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

**CIP-Brasil. Catalogação na Publicação**  
**Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ**

---

L012

Lopes, Amanda  
Meus dias/ Amanda Lopes.12a. ed. – Rio de Janeiro : PoD, 2015.

176 p. : 21 cm.

ISBN : 978-85-8225-081-5

1. Romance brasileiro. 2. Ficção. I. Título

15-20587

CDD:323

23/05/2015

24/05/2015

---

*O ar frio da cidade me congela*

*E o ar seco me sufoca.*

*Enquanto ando sem direção, as ruas me devoram.*

*Preciso sair, preciso ir... Mas para onde?*

*A.Lopes*

*Dedicado aos sonhadores indecisos, como eu.*



## Agradecimentos

A você, leitor desse livro, deixo um caloroso abraço especial, por se permitir entrar um pouco em meu mundo e fazer parte do meu sonho.

Essa obra surgiu do nada. Em um certo dia, me veio a ideia de transformar meus desejos e pensamentos em um livro. Conteí então para minha amiga Thaty que no mesmo instante jorrou em mim conselhos incríveis e palavras de apoio; acreditando, no momento em que eu mais precisava. Quando finalmente havia terminado de escrever, e a temida hora da revisão chegou, João Pedro Fortunato teve a difícil tarefa de executá-la, e com destreza!

Minha história ganhou corpo graças a meus musos e musas inspiradoras, sem os quais não teria conseguido escrever mais de cinco páginas. Deixo aqui uma salva de palmas aos compositores e cantores que deram asas e melodia a minha imaginação, embalando meus risos e lágrimas. Aos professores que me mostraram o gosto pela leitura e pela escrita, oferto a minha mais sincera gratidão.

Ainda falta falar de meus amores: o primeiro, o intenso e o namorado. Foi graças a vocês que descobri o que significa gostar de alguém. Agradeço ainda a Marcela, Julio Rodrigues, Andressa, meus amigos lindos; e a Gab por ter me presenteado com uma caneca fantástica do Harry Potter, a qual estava constantemente ao meu lado com café ou suco enquanto escrevia. Ao meu melhor amigo Maicon, só digo uma coisa: você nunca terá minha caneca muahaha (risada maléfica). Bruno, obrigada por me pedir conselhos, muitas vezes fui levada a pensar sobre coisas que nunca havia pensado antes. Carol, são 15 anos de amizade, não preciso dizer mais nada. Kroll, esse sempre me zoa por causa da maionese e da Jacira (chacina), mas ao mesmo tempo me arranca fortes gargalhadas.

A Geo, por ter me ensinado a jogar Mário e a Monique por ter salvado meu cabelo; deixo meu muito obrigada. Neilson, por ter me ajudado a combinar meu primeiro encontro que resultou no meu primeiro beijo, agradeço eter-

namente. Rafa e Tuzão, vocês são os irmãos chatos que eu nunca tive. Sou feliz por esses e por todos aqueles amigos que fizeram parte da minha infância, juventude e que levarei por toda a vida.

À Neide, Bianca, Luan e Nona, meus queridos amigos da escola Menezes Côrtes, deixo meu muito obrigada por fazerem parte dos melhores anos escolares que eu já tive. Além de obrigada por me aturar, eternas desculpas a chatonilda da Cassia, por me acompanhar na roubada que deu origem a um trecho desse livro.

Obrigada a minha família que mora em Campos, que sempre me acolheu com um calor inexplicável. Ao meu pai, que nesse momento deve estar todo orgulhoso de mim. E a minha grande família Barbosa, *muito unida, mas também muito ouriçada. Brigam por qualquer razão, mas acabam pedindo perdão.*

Sou grata a minha vó Conceição que está no céu, por se tornar meu anjo da guarda e por ter me defendido do rato educado. E a minha mãe, que também se chama Conceição... Consegui! Obrigada por dizer que eu podia.

Por fim, meu singelo e puro agradecimento por ter Yuki, uma estrela que realmente existe; Sammy, minha pequena filha tartaruga; e a Deus, por me dar forças para terminar esse Romance.



## Introdução

Tudo o que eu sou, minhas recordações: o que são? O que elas significam para esse mundo ao qual pertencço?

Aquilo que destaca as ruas, que dá brilho ao concreto e aos prédios cinzas. Luz que sai dos postes e que os letreiros luminosos refletem... Toda essa iluminação me torna só mais uma na multidão que vaga pelas calçadas desse mesmo mundo ao qual pertencço, mas que não me reconhece. Se eu morresse agora, quem iria notar?

Foi o que pensei quando era jovem, e a indecisão machucava meu coração. Estava na cidade, no centro de tudo, onde as luzes brilhavam mais que as estrelas. Eu começava a sentir que estava desaparecendo, em meio à massa que aproveitava o show naquela madrugada apática e nublada. A banda então começou a tocar uma das minhas músicas favoritas do Legião Urbana, "Quase sem querer". Pude sentir cada nota tocando minha pele. Fechei meus olhos e aproveitei aquela bela letra e a melodia que encerrava a apresentação do grupo.

Quando o dia estava para descobrir o sol, e as luzes foram se apagando... As multidões de seres estranhos, vestidos com joias e roupas chamativas, começaram a se diluir. Enquanto isso, se materializavam, saindo de seus buracos, outro tipo de multidão. Estes andavam apressados, olhando em seus celulares e com pastas nas mãos. Toda essa gente sem rosto, sem nome, percorria o espaço que é de todos e ao mesmo tempo de ninguém.

Precisava fugir da confusão em que aquele mundo se encontrava, confusão que se instalou em minha mente. Fui até o bosque. E no momento mais confuso da minha vida, eu o conheci.



Sei que vai parecer estranho, confuso e até dirão “sem sentido”. Mas eu não vou me apresentar agora. Creio que há algo muito mais importante para contar a você nesse momento. Ou melhor, existe alguém que você deveria conhecer.

Mas caso esteja à procura de alguém que sacrificou sua vida para salvar um gatinho em um incêndio, não é essa a história que vou contar. Caso procure por uma comédia hilariante com piadas bem boladas, não é essa a história. Se procura um conto com seres encantados, reinos e felizes para sempre... Bem... Acho que já entendeu.

Pode não ser uma história de heroísmo, mas ela salvou um ser. Pode não ser uma comédia, mas você irá rir. Pode não ser um conto de fadas, mas há um “felizes para sempre”. Afinal, o “para sempre” sempre foi um ponto de vista e uma forma de contar aquilo que não conseguimos mensurar.

A pessoa da qual irei falar se chama Julie. E acho que, por conhecê-la tão bem, por vezes, nossos pensamentos e falas irão se cruzar durante essa narrativa. Mas o que importa aqui não são os fatos, não é quem irá narrar a história, e sim, o significado de tudo que passou, não só para Julie, mas para todos aqueles que querem descobrir-se, e descobrir qual o sentido das coisas.



Julie era um pouco indecisa, mas animada. E mesmo que muitas vezes o destino tivesse lhe pregado peças, ela conseguia encontrar o lado bom das peripécias do acaso. Às vezes, quando ficava confusa, queria se desligar de tudo. Mas não conseguia fazer isso, pois suas memórias se jogavam e se colidiam com quem ela era para lembrá-la a todo o momento de onde veio.

Até que Julie se tornasse uma grande editora e escritora, teve que passar por algumas reviravoltas; mas essas mesmas reviravoltas trouxeram dias alegres. E graças a essas mudanças, ela pôde ver e aproveitar as melhores coisas que já lhe aconteceram, sendo a felicidade seu tesouro mais valioso.

Eu tinha acabado de completar 35 anos. A festa que organizei foi linda. E o mais importante: todos que eu amava, e a quem tinha um apreço, estavam lá. O tema era "uma noite de inverno". Sempre quis fazer ou ir a uma festa tipo aquelas de filme adolescente, onde os formandos usavam roupas de gala, e a menina usava uma flor entregue pelo rapaz.

E foi nesse estilo que planejei meu aniversário. Havia uma bola de espelhos e um ambiente aconchegante com algumas velas e neve de mentira, que caía lentamente do teto, na pista de dança. No chão, bolas brancas, e nas mesas, arranjos de flores típicas do inverno. Sempre sonhei conhecer esse clima europeu, fazer um boneco e um anjo de neve. Nos meus 35 anos, fiz uma festa onde tentei ao máximo me aproximar desse ideal. A festa foi linda!

Existe algo tão gentil, tão incrível; mas ninguém no mundo consegue ver. Certas coisas flutuam sobre nossas cabeças, mas não podemos enxergá-las. São coisas valiosas, que nos acompanham onde formos. E na noite em que completei meu 35º aniversário, pude sentir essas preciosidades formando uma segunda pele. Eu estava vestida com todos os sentimentos bons que há nesse mundo invisível.

A banda que contratamos tocou nossa música especial, "I Don't Want To Miss A Thing" do Aerosmith, que saía das caixas de som espalhadas por todo salão. Eu a dancei com a única pessoa que me amou inteiramente, de todas as maneiras que alguém pode amar outra pessoa. E por amá-lo igualmente, pude ver, através daqueles olhos negros, sua alma.

Enquanto estavam abraçados, em movimentos leves, seguindo a melodia, Julie falou para seu marido:

— Nossa vida sempre foi embalada por belas músicas.

— E essa é a que mais gosto. Sabe por quê?

— Porque ela tocou no nosso casamento?

— Porque quando escuto essa música, me lembro de você... Em como quero estar sempre ao seu lado.

Como amava aqueles olhos. Ele estava ali comigo, minha filhinha e todos meus amigos, ao alcance de minhas mãos. Quase chorei de tanta felicidade.

Algumas semanas depois da festa, voltei a sentir uma dor de cabeça insuportável. E após meses de periódicas enxaquecas, obrigada por Henri, fui ao médico ver o que era.

Confesso que não fui uma pessoa saudável. Quando jovem, tinha uma dieta maluca de que quando via que estava começando a engordar comia o mínimo possível, corria igual uma louca e vivia na base do biscoito de gergelim e

suco de limão. Quando chegava ao meu limite, e via que meu corpo estava normal, voltava a me permitir fazer brigadeiro, panelas de pipoca e macarrão ao molho branco.

Chegando ao consultório, o médico passou diversos exames, fez várias perguntas e, ao final, disse que em 15 dias teria os resultados. Deu-me um remédio para diminuir a dor, e falou para que eu voltasse para casa e tentasse não fazer muito esforço durante os dias seguintes, além de comer corretamente.

Quando se passaram os 15 dias, voltei ao consultório para buscar os resultados. Aqueles tinham sido dias difíceis, a dor de cabeça se transformou em uma enxaqueca interminável e aguda, sentia enjoos e estava constantemente dormindo, salvo as vezes que estava vomitando no banheiro. Mas esperava que ele dissesse que, com hábitos alimentares saudáveis e exercícios, tudo voltaria ao normal. Já não aguentava mais ficar na cama.

Mas a nossa existência nem sempre é do jeito que a gente quer. Algumas vezes, só para mostrar quem manda, a vida te dá exatamente o contrário do que você pede. E o médico à minha frente foi o mensageiro. A mensagem que a vida me mandou era curta, tão curta, que cabia em poucos meses. Em menos de dois meses a morte viria para me levar.

O médico tentou me animar. Disse que se eu tomasse três dúzias de remédios, fizesse uma centena de sessões de quimioterapia e me internasse, o tempo de vida poderia se estender a um ano. Tolo. Quem se animaria depois de saber a data de sua morte?!

Não poderia eu, uma simples pessoa, ficar com raiva da vida, nem mesmo da morte. Assim que nasci, fui avisada de que morreria. E isso não é exclusividade minha. Essa é a regra que não tem exceção. O doutor falava muitas coisas, sobre métodos alternativos, sobre drogas experimentais e até cirurgia. Eu não escutei nada depois de "alguns meses de vida". Ouvia uma palavra ou outra, mas não conseguia formar frases. Na verdade a única palavra que se repetia e repetia em minha mente era... "morrer"... Morrer? Por que eu?

O tipo de tumor que eu tinha, era agressivo, ele se de-

envolveu em pouco tempo, e estava de tal forma, que o máximo que os médicos poderiam fazer era prolongar em alguns meses a mais minha vida. Mas isso teria um custo. Eu precisaria me dedicar ao tratamento, viver no hospital e fazer cirurgias. Eu não queria isso, definitivamente.

Segurei a mão do meu marido. Não deixei cair nenhuma lágrima. Não deixei 'cair a ficha', e me perguntei: Por que agora?

Eu não chorei, mas Henri chorou por mim.

Ela tinha um tumor cerebral maligno. Ela tinha marido e filha. E antes de deixar que o véu da morte cobrisse seus olhos, ela tinha uma vida. Decidiu que aproveitaria ao máximo aqueles meses que restavam, tomando o mínimo de remédios. Somente iria ingerir aqueles suficientes para que pudesse andar, falar, escutar... Viver. Resolveu também que passaria o que havia aprendido com a vida para sua filha, para que, quando não estivesse junto a ela em corpo, sua alma pudesse protegê-la e sua lembrança, alcançá-la.

Havia coisas que eu não queria que fossem esquecidas. Memórias do tempo que passei com amigos... Memórias do tempo que sonhei. Elas são importantes. Mas não tem nada mais importante do que continuar fazendo memórias. E ainda me restava algum tempo para fazê-las. Não era muitas, mas decidi que seriam inesquecíveis.

## Dia 1

Na primeira noite do que me restava da breve passagem por esse mundo, antes de me deitar com meu marido, fui até o quarto de minha filha. Eram nove horas da noite, a lua estava cheia, assim como minha vida; cheia de histórias para contar.

Não me permiti ficar triste. A vida agora era, literalmente, curta demais para ficar me lamentando e chorando pelos cantos. Eu tinha muitas dúvidas. Mas minha vontade de continuar era maior. Não podia desabar. Tinha que ser forte por minha família, meus amigos e principalmente por mim.

Eu havia feito uma lista. Acho que todos têm uma, ou deveriam ter. ” As 10 coisas para se viver antes de morrer”. Só nunca pensei que fosse dar tanta importância a ela. A morte realmente mexe com nossas concepções.

Fiz minha lista quando tinha vinte anos. Escrevi em minha agenda as coisas que não havia feito e que sonhava em fazer. Elas seriam:

- Conhecer uma pessoa grandiosa;
- Presenciar o nascimento de uma tartaruga;
- Ficar bêbada (essa minha filha não pode saber até completar 18 anos);
- Receber uma declaração de amor;
- Assistir uma peça teatral com orquestra;
- Ver ruínas de uma civilização antiga;
- Dançar uma música lenta, como nos filmes de princesa;
- Ver a aurora boreal;
- Escrever um livro;
- Encontrar o verdadeiro amor.

Criei também uma regra, que era: estar acompanhada de pessoas que gosto. Pois a vida não teria graça se não fosse a companhia de nossos amigos. Somos seres sociais, vivendo em uma sociedade, e os laços que construímos com o próximo são parte de quem somos. Por mais que algumas ve-

zes um sentimento de vazio invada nossa alma e ao olharmos para o lado não tenha ninguém, nós nunca estamos de fato sozinhos. É nisso que eu acredito.

Sentei ao lado de Sofia. Ela só tem oito anos e já parece uma adolescente. As crianças de hoje em dia pensam à frente de seu tempo e acabam esquecendo que o bom da vida está bem ao lado: saber olhar já é suficiente para encontrar.

Eu e Henrique demos esse nome para ela, pois significava sabedoria. Queríamos que nossa filha fosse sábia para decidir o que era certo ou errado e soubesse apreciar as coisas simples da vida. Além disso, ambos vimos, nos tempos de colégio, "O mundo de Sofia", do diretor Erik Gustavson. Um filme muito interessante, que nos fez pensar e ver o mundo de vários ângulos.

— E aí, Sofia? Pronta para dormir?

— Não, mãe, ainda falta você contar uma história.

— Hum... Verdade! Mas posso propor uma coisa?

— Diga!

— Agora você já está grandinha, está na pré-pré-adolescência, e acho que chegou a hora de mudar o tipo de história que conto. Eu sei que gosta muito do *Lá Vem História* e de *Um Tesouro de Contos de Fadas*; mas já conhece todos esses contos. E o que acha de ouvir outros novos?

— Claro! Conte-me!

— Vou contar um pouco sobre minhas histórias, quero que as escute e reflita, para que algum dia, quando estiver passando por problemas ou alívios, se lembre de mim, que estarei sempre com você.

— Tá bom!

— Saiba de uma coisa filha: nomes podem ser repetidos, mas quem você é, isso ninguém pode roubar, ninguém pode imitar, isso não se perde. Vou contar aquilo que se passou e como tudo que já fiz um dia, continua surtindo efeito nas minhas ações, ou não ações, presentes... Não sou uma pessoa especial. Mas tem uma coisa que venho aprendendo durante esses longos e poucos anos de vida, é que às vezes precisamos fazer algo porque simplesmente queremos, e esse pequeno ato nos tornará pessoas especiais.

Então você precisa aprender a fazer algo por você mesma. Essa é a primeira lição.

Ela fez que sim com a cabeça, e olhou para Julie com curiosidade, ansiosa pelas histórias que iria contar. Sofia era assim. Por mais que apreciasse lembrar seus contos antigos, adorava coisas novas. Por isso, Julie sempre tinha que falar algo diferente, que não estivesse nos livros; senão a menina não ficava satisfeita.

— Talvez o que irei contar não te agrade. Não te faça chorar ou rir.

— Eu vou gostar! Porque é a senhora que está contando.

Julie fez que sim com a cabeça e se preparou para o primeiro dia de histórias.

— Mamãe está sempre tendo vontade de fazer algo fabuloso, algo que fará todos pararem por um segundo que seja e pensar: “nossa, que pessoa incrível!”. Vivia esperando que aquele amor encantado, cinematográfico e incrivelmente lindo acontecesse comigo; que, ao virar uma esquina eu o encontrasse, e a partir de então, seríamos um o “para sempre” do outro.

Julie deu uma pausa, como se em sua mente relembra-se os momentos que acabara de contar. Depois de um suspiro, continuou a falar, com ternura, as coisas que vinham à sua mente.

— Mas o engraçado é que nunca tinha parado para pensar que, no filme, tudo se passa muito rápido, muito mágico. Afinal, o filme só tem algumas horas para contar tudo que realmente importa e que irá prender o telespectador à tela. Tarefa difícil esta. Tenho que parabenizar os diretores, roteiristas e todo o elenco que dá emoção a uma história. Acho que por ver muito esses filmes, acabei me esquecendo de que os tempos são diferentes, mas não é por isso, e por toda a realidade cotidiana da minha vidinha pacata, que deixei de acreditar no amor eterno, nas almas que se unem, na felicidade. Tive que aprender a esperar certas coisas e, uma delas, era o amor.

Ela olhou para Sofia, e acariciando seus cabelos ondulados, continuou a falar seus ensinamentos.



— Pode ser que uma pessoa dê seu último suspiro e não encontre seu verdadeiro amor. E é por isso que a crença que mais gosto é da reencarnação. Só de saber que é possível retornar e tentar novamente meu pulmão se enche de ar e minha alma de alegria. Afinal, quantas vidas são necessárias para encontrar o que procuramos?

Julie parou por um momento, refletindo sobre sua vida. Deu um sorriso leve olhando para a janela do quarto e falou:

— Ao longo da minha vida, percebi que não é essa pergunta que deveria me fazer, nem que eu precise dessa resposta. O que realmente passei a me perguntar todos os dias era: o que eu procuro? Essa pode ser uma questão fácil de responder para alguns, mas não foi para mim...

Respirou fundo, como se recapitulasse tudo que havia passado até ali. E expirou todo o ar de seus pulmões, como se liberasse todo peso que as dificuldades lhe acarretaram.

— E você filha, sabe o que procura?

— O que eu procuro?

Sofia ouviu cuidadosamente cada palavra de sua mãe, olhando para os lados, tentava encontrar a resposta. Mas não teve êxito. Era muito nova. Antes que soubesse responder a essa pergunta, teria que viver e experimentar muitas coisas.

Julie sabia que sua filha não conseguiria responder, mas daqui a alguns anos, quando ela não estivesse mais ali, Sofia poderia lembrar-se de suas palavras e começar a pensar em uma resposta.

Depois de um tempo, a menina se deu por vencida e falou:

— Ah! Não sei mãe.

— Tudo bem filha, é normal não saber sobre algumas coisas. O importante é nunca deixar de buscar. Uma coisa que também é normal, por mais desesperador que pareça, é não saber o que fazer, não saber o que quer. Até a pessoa mais decidida desse mundo, um dia se questionou. Não precisa viver sempre intensamente, se isso não te fizer feliz. Às vezes, é preciso parar e olhar para trás, ver se o caminho que escolheu foi o melhor.

Segurando as mãos de sua filha, Julie falou em um tom que passava segurança:

— Se o caminho for o errado, não tenha medo de voltar e escolher outra estrada. Você vai precisar ter força! Mas nada que uma boa panela de brigadeiro não ajude.

As duas caíram na gargalhada, pensando em como seria bom uma panela de brigadeiro se materializar bem na frente delas. Julie interrompeu o pensamento guloso e disse:

— Filha, torne sua vida extraordinária! E acima de tudo: Carpe Diem!

Ela olhou para sua mãe com uma feição de estranhamento, e reclinando sua cabeça em direção ao ombro, com as sobrancelhas arqueadas, perguntou:

— O que é isso?

— É uma frase dita em Latim, um idioma muito, muito antigo. Quer dizer “aproveite o momento, aproveite o dia.”

— Gostei dessa frase! Vou falar para minhas amigas.

— Mas lembre-se de uma coisa! 'Carpe Diem' no fundo, significa que você deve fazer aquilo que seu coração sente, fazer as coisas do seu jeito, ser você mesma. Aproveite a paisagem e seja livre para sonhar. Sendo feliz, seu dia terá valido a pena.

Uma sorriu para a outra. Após alguns instantes, Julie continuou a falar:

— Sabia filha... Desde que me conheço por gente, sempre tive um grande problema, uma grande barreira. Sou indecisa.

— O quê?!

Sofia sabia muito bem que sua mãe era uma indecisa nata, desde o momento de escolher uma roupa, até a hora de fazer o jantar. Ela demorava horas caso tivesse que decidir qual a cor que deveria pintar a parede da sala.

— OK, muito, muito indecisa. Mas aos poucos fui aprendendo a lidar com isso, e faço o máximo para minimizar as dificuldades que me causa.

— De que jeito?

— Reconheci que tinha um problema.

— Hum... Mas como assim?

— Parece que não, mas tudo que passamos, tudo que vemos e sentimos, de alguma forma irá influenciar a pessoa que iremos nos tornar. Desde aquela pessoa que você observa atravessando fora da faixa de pedestres, até aquele conselho que seu melhor amigo te dá num momento de tristeza. Tudo, exatamente tudo que está a sua volta, faz parte do que você é e de pra onde você quer ir. E um dos meus defeitos é a indecisão. Mas como isso faz parte de mim, só precisei aprender a enfrentar essa situação... Basta apenas decidir o que fazer com tudo isso, e de que forma essas coisas irão te influenciar.

Ao pensamento de Julie veio à música “Wind”, uma de suas preferidas do anime *Naruto*. Quando jovem, adorava assistir animes de romance, comédia e aventura. Ao ouvir em sua cabeça aquela melodia, vieram recordações de sua adolescência.

— Quando tinha mais ou menos vinte anos, voltei a ver um anime que fez parte do início de minha adolescência. E agora que já sou maior de idade, percebo o quanto os momentos que passei vendo os episódios desse anime me fizeram quem sou hoje e ajudaram a fomentar meus ideais.

— Eu também adoro anime mamãe! Principalmente a *Sakura Card Captors!*

Desde quando Sofia era bebê, Julie colocava desenhos e animes, que baixava pelo computador, para passar na televisão. A menina foi crescendo e começou a gostar daqueles desenhos de olhos grandes, assim como a mãe.

— Com os animes, aprendi a reconhecer o que era amizade, tomei conhecimento de um tipo diferente de amor, que não vemos muito aqui no Ocidente. Entre tantas outras coisas.

Julie fez em sua mente uma lista de todos os animes que havia assistido, e percebeu que, em quase todos, a amizade era muito importante para que os personagens ficassem bem.

— Sofia, você sabe o que é amizade?

— É uma pessoa que você gosta muito!

— Isso aí! Ser amigo é gostar de estar junto, não precisa

ser sempre, porque a amizade ultrapassa as barreiras físicas e se eleva a um plano superior, onde encontramos um outro tipo de amor. É esse tipo de gostar que você está falando, certo?

— Isso aí!

— Eu tive muitos amigos de balada, os festeiros. Existem os que você irá confiar mais, os que lhe darão bons exemplos e aspiram confiança. Já outros, serão totalmente o oposto de você. Haverá os totalmente sem noção e os que verá com maior frequência, com quem você irá se identificar mais. Independente de tudo isso, saiba que todos serão importantes.

— A senhora teve muitos amigos?

— Tive sim! E ainda tenho alguns queridos, incluindo a Lauren e o Guilherme.

Lauren sempre foi uma mulher engraçada e encantadora. Seu cabelo na altura do ombro em um long bob castanho claro estava sempre bem alinhado. O que sempre me fazia perguntar como conseguia tal façanha sem usar chapinha, nem babyliiss. Acho que por isso e por todas as suas qualidades – principalmente seu companheirismo – que Guilherme, mesmo tentando esconder, se atraiu por ela desde a primeira vez. Já ele, com seus olhos cor de mel, cabelo castanho e moreno; não foi difícil para que minha amiga logo se encantasse por seu 1,90m de altura e suas piadas não engraçadas, mas que a faziam rir.

— A dinda Lauren e o dindo Guilherme?! Eles são meus amigos também!

As duas riram.

Lauren era amiga de Julie desde o ensino médio e Guilherme conhecia Henrique desde o primeiro período da faculdade de engenharia. Depois que Julie e Henrique começaram a namorar, foi inevitável eles se conhecerem. Depois de alguns meses de muita implicância um com o outro, apareceram de mãos dadas em um encontro de sexta feira. Desde então, os quatro têm sido parceiros de viagens, almoços de domingo e de trabalho.

Henrique fazia sociedade com Guilherme na empresa

de construção, e Lauren era jornalista investigativa na mesma revista em que Julie era editora. E quando Sofia nasceu, eles se tornaram os padrinhos. Muitas coisas os ligavam, mas acima de tudo, a amizade que tinham um com o outro era mais forte que qualquer desavença que viessem a ter.

— Há amizades que irão te acompanhar desde sempre filha... Outras conhecerá pelo caminho e talvez perca no mesmo caminho. Amizades têm durações diferentes, mas, se um dia tomarem rumos opostos, não significa a extinção da amizade, e sim que aqueles momentos juntos duraram o tempo necessário para serem eternizados em suas recordações. A amizade vai muito além do que vemos, ela é sentida.

Julie se lembrou de uma amiga de infância, a quem ela sempre teve um grande apreço, mas que por nuances do destino, ela não via mais, fazia muitos anos. Clara havia se mudado para outro Estado e, com o passar dos anos, já não ligavam mais uma para a outra. Julie começou então a contar uma história de quando ainda estavam juntas, para que Sofia soubesse a importância que tem uma amizade.

— Uma vez eu estava apaixonada por um cara de 20 anos, eu tinha 18, e era bem maluquinha nessa época. Nós havíamos saído algumas vezes e, quando ele foi promovido no trabalho, fez uma festa e me convidou. Fiquei toda animada, mas como não conhecia nenhum dos amigos dele, chamei Clara, uma amiga de infância, para me acompanhar. No dia da festa, estava chovendo muito, o que dava um ar mais frio ainda àquela noite de inverno.

Gesticulando e apontando para o céu, ela explicou como estava o tempo naquele dia. E com uma voz de narrador de filme falou:

— As ruas estavam vazias, a água da chuva quase alcançava a calçada por conta dos bueiros que entupiram. O céu estava cinza e carregado de nuvens. Quando o relógio apon-  
tou às 18h, eu liguei para Gustavo, o garoto por quem estava apaixonada, e falei que, por conta da tempestade, não poderia ir à sua festa. Ele disse que queria me ver, e falou que, no local onde iriam se reunir, só estava chovendo.

Julie deu uma pausa para tomar fôlego. Ela se empolgava quando contava histórias de seu passado.

— Liguei então para Clara, implorei para que ela fosse comigo. Depois de muito insistir, de prometer ser menos chata e jurar minha gratidão eterna, ela finalmente concordou. Saímos de casa e o mundo parecia que estava desabando. Em meio a trovões e raios que cortavam o céu, chegamos ao ponto onde Gustavo iria nos buscar. Realmente não estava chovendo tanto, mas o ônibus fez questão de parar bem no meio de uma poça gigante, onde foi inevitável deixar nossos pés encharcados e as pernas cheias de lama. E só porque eu estava de escova, o vento fez questão de arruinar as duas horas que eu havia levado para fazê-la.

As duas riram da situação. Sofia sabia muito bem que, todas as vezes, por mais que o cabelo de sua mãe fosse ondulado, ela sempre fazia escova para sair. Julie gostava de deixar as pontas onduladas e a raiz lisa.

— E para minha surpresa, quando ele chegou de carro, havia mais duas meninas com ele. Até então, tudo bem, se não fosse por uma delas estar sentada no banco ao lado de Gustavo. Entramos no carro, e ele nos apresentou. Alguns minutos depois a garota que estava sentada na frente colocou a mão na perna do Gustavo, e falando alguma coisa, o chamou de bebê. Clara olhou para mim com os olhos arregalados, mas não mais do que os meus. Quando chegou à festa, ele andava junto da menina como se fossem um casal. Mas só caiu a ficha quando ele bem na minha frente beijou a tal garota.

— Que cara feio! E o que a senhora fez?

— Daí pra frente, o ignorava, e só conversava com Clara e outra menina que conhecemos na festa. Quando Gustavo tentava puxar assunto, eu o tirava da conversa, uma das vezes até dei as costas a ele. Quando ia dar 1 hora da manhã, eu percebi que já havia visto o bastante, e disse que iríamos embora. Entramos no carro e primeiro ele deixou a garota e sua prima em casa, depois nos levou até o ponto. Ele então perguntou: — Está tudo bem? — Fiz a linha de pessoa popular, que só ia embora porque tinha outra festa